

GRUPO I

1 - Assinala as seguintes afirmações com V (verdadeiro) ou F (falso) e corrige as que são falsas. Deves elaborar respostas completas.

a) O episódio “Batalha de Aljubarrota” situa-se no canto III de Os Lusíadas e é um episódio pictórico ou descritivo, porque descreve uma batalha entre mouros e castelhanos.



b) As razões para aquela batalha são as mesmas para qualquer um dos exércitos.

c) Em “Batalha de Aljubarrota”, o som da trombeta castelhana apenas se ouviu no campo de batalha.

d) Um dos intervenientes que nela se destaca, pela sua bravura, é Nuno Álvares Pereira.

e) Ao longo deste episódio, o narrador tenta que o leitor visualize o que está a acontecer, através da utilização de certos recursos estilísticos e expressivos, tais como a aliteração e a adjetivação.

f) A traição à pátria está presente neste episódio.

g) O exército mouro, ao ver-se derrotado, abandona o campo de batalha calmamente, amaldiçoando o primeiro homem que inventou as armas.

h) O episódio “Despedidas em Belém” situa-se no canto V de Os Lusíadas e insere-se no plano do poeta.

i) Este episódio começa com o relato dos preparativos da partida da armada, em Belém.

j) O fator religioso está presente ao longo de todo este episódio.

k) De todos os que vão assistir à partida, quem demonstra um maior sofrimento são as mães, as esposas e as irmãs daqueles que embarcam.

l) Vasco da Gama é aqui, mais uma vez, um narrador ausente, tal como já o tinha sido em episódios anteriores.

m) Este episódio é recordado ao rei D. Manuel I, através da utilização da técnica “in media res”.

n) Os sentimentos e emoções reveladas ao longo deste episódio retiram grandeza épica à ação e ao herói.



Lê atentamente as estrofes que se seguem, recorda o resto do episódio e responde, de forma clara e correta, às questões que te são colocadas.

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

123

Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra hũa fraca dama delicada?

124

Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

127

"Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar hũa donzela,
Frac e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

128

E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida, com clemência,
A quem pera perdê-la não fez erro.
Mas, se to assi merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente."

130

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra hũa dama, ó peitos carniceros,
Feros vos amostrais e cavaleiros?

132

Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

134

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lacivas maltratada
Da minina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co a doce vida.

135

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores.



GRUPO II

1. Situa este episódio na estrutura interna e externa da obra e explica como se articula o plano narrativo nele presente com o da viagem de Vasco da Gama à Índia.

2. Por vezes, uma outra entidade sobrepõe-se ao narrador, intervindo emocionalmente a favor de D. Inês.

2.1 Identifica-a e retira dois exemplos que justifiquem a afirmação anterior.

2.2 Refere os dois recursos expressivos/estilísticos que melhor exprimem a sua indignação.

3. Expõe as razões que levaram D. Afonso IV a determinar a morte de Inês de Castro.

4. Se o Rei é, de certa forma, desculpabilizado pela morte cruel de Inês, o mesmo não acontece aos agentes do seu assassinato.

4.1 Comenta a frase anterior e retira exemplos que comprovem a tua resposta.

5. No discurso argumentativo de Inês de Castro encontramos simultaneamente censuras e pedidos.

5.1 Resume-os, por palavras tuas.

5.2 Identifica as funções da linguagem predominantes no seu monólogo. Justifica.

6. Este episódio relata com fidelidade os factos históricos ocorridos? Justifica a tua resposta, retirando um exemplo comprovativo do excerto transcrito.

7. Explica por que razão podemos considerar este episódio lírico, com marcas de tragédia. Justifica a tua resposta.

8. Recorda a “Proposição” e diz em que momento podemos situar o episódio de “Inês de Castro” nesse sumário.



GRUPO III

1. Analisa morfologicamente as palavras sublinhadas dos seguintes versos.

“ Traziam-na os horríficos algozes/ Ante o rei, já movido a piedade;/ Mas o povo, com falsas e ferozes/ Razões à morte crua o persuade. ”

2. Substitui as expressões sublinhadas por pronomes e reescreve novamente a frase.

2.1 Ele vai contar a história de Inês.

2.2 D. Pedro matará os assassinos de Inês de Castro.

2.3 Os conselheiros convenceram o rei a matar Inês.

2.4 As mulheres de Coimbra não esqueceram esta história.

2.5 Ela fez um discurso ao rei.

2.6 Inês abraçaria os seus filhos e daria muitos beijos aos seus filhos, se a deixassem.

3. Refere se os verbos presentes nas frases são transitivos (diretos/indiretos), intransitivos ou copulativos.

3.1 Inês esperou uma oportunidade.

3.2 Os algozes obedeceram ao rei.

3.3 D. Pedro prometeu uma morte cruel aos assassinos de Inês.

3.4 Inês de Castro morreu.

3.5 O rei ficou muito emocionado com o discurso de Inês.

GRUPO IV

Imagina que eras um jornalista e que estavas a assistir à partida das naus do Restelo, naquela manhã de julho de 1497. Escreve uma notícia onde incluas os factos que observaste, de forma a que o teu texto venha a sair nas primeiras páginas do jornal da cidade.

Atenta nas indicações:

- deve ter um mínimo de 100 palavras e um máximo de 120;
- redige um texto coerente, bem articulado, respeitando as regras de ortografia e pontuação.

CORREÇÃO DA FICHA DE AVALIAÇÃO DE PORTUGUÊS
--

GRUPO I

- a) F - O episódio “Batalha de Aljubarrota” situa-se no canto IV de Os Lusíadas e é um episódio bélico, porque descreve uma batalha entre portugueses e castelhanos.
- b) F - As razões para aquela batalha são diferentes para os dois exércitos: os castelhanos querem conquistar o trono português e os portugueses defendem a sua pátria.
- c) F - Em “Batalha de Aljubarrota”, o som da trombeta castelhana ouviu-se desde a Galiza até ao Algarve, ou seja, por toda a Península Ibérica.
- d) V
- e) V
- f) V
- g) F - O exército castelhano, ao ver-se derrotado, abandona o campo de batalha rapidamente, amaldiçoando o primeiro homem que inventou a guerra e o rei pela sua cobiça.
- h) F - O episódio “Despedidas em Belém” situa-se no canto IV de Os Lusíadas e insere-se no plano da viagem e da História de Portugal.
- i) V
- j) V
- k) V
- l) F - Vasco da Gama é aqui, pela primeira vez, um narrador presente, pois participa na ação que está a narrar.
- m) F - Este episódio é recordado ao rei de Melinde, através da utilização da analepse.
- n) F - Os sentimentos e emoções reveladas ao longo deste episódio aumentam a grandeza épica da ação e do herói, porque os marinheiros sacrificaram-se pela sua pátria, ao colocarem as suas vidas em risco e ao deixarem para trás aqueles que amavam.

GRUPO II

1. O episódio “Inês de Castro” situa-se no Canto III de Os Lusíadas, mais concretamente na “Narração”. O plano narrativo nele presente é o da História de Portugal e articula-se com o plano da viagem de Vasco da Gama à Índia, porque este encontra-se em Melinde, a descansar, e aproveita para contar ao rei alguns dos momentos mais marcante da nossa história, entre os quais a história trágica dos amores de D. Pedro e Inês.
2.
 - 2.1. A outra entidade que se sobrepõe ao narrador, intervindo emocionalmente a favor de Inês, é o Poeta. As passagens do texto onde essa intervenção é mais notória são: “Que furor consentiu que a espada fina/.../...fosse alevantada/Contra hua fraca dama delicada?” (III, 123, vv 4-8) e “Contra hua dama, ó peitos carniceros,/Feros vos amostrais e cavaleiros?” (III, 130, vv 7-8). Também se pode notar a sua presença nos adjetivos (“horríficos” e “brutos”) utilizados para caracterizar os matadores de Inês.
 - 2.2. Os dois recursos expressivos/estilísticos que melhor exprimem a sua indignação são a adjetivação e a interrogação retórica.
3. As razões que levaram D. Afonso IV a determinar a morte de Inês de Castro foram, sobretudo, o medo da perda de independência (uma vez que ela pertencia a uma importante família galega), a influência do povo e o facto do seu filho, futuro rei de Portugal, não querer casar com outra dama, o que provocaria problemas de sucessão ao trono.

4.

4.1. O Rei é, de facto, desculpabilizado pela morte cruel de Inês: “Ante o Rei, já movido a piedade,” (III, 124, v.2) e “Queria perdoar-lhe o rei benino” (III, 130, v.1). O mesmo não acontece com os agentes do seu assassinato: “Traziam-na os horríficos algozes” (III, 124, v.1), “Contra hua dama, ó peitos carniceiros” (III, 130, v.7) e “Tais contra Inês os brutos matadores” (III, 132, v.1).

5.

5.1 Inês de Castro censura o rei pela sua falta de piedade e capacidade de perdoá-la. Ela chega mesmo a compará-lo a animais selvagens, para destacar a sua falta de humanidade.

Inês pede a D. Afonso IV que a perdoe, tendo em consideração os filhos dela que também são seus netos, e sugere que a exile num local inóspito.

5.2. As funções da linguagem predominantes no monólogo de Inês de Castro são a emotiva, uma vez que ela expressa os seus sentimentos mais profundos, e a apelativa, já que pede ao rei que não a mande matar.

6. Este episódio não relata com fidelidade os factos históricos ocorridos, quando se refere à forma como Inês de Castro morreu. Para causar maior impacto e intensidade dramática, o Poeta prefere dizer que ela morreu com uma espada cravada no peito e não degolada, como aconteceu na realidade: “Tais contra Inês os brutos matadores/No colo de alabastro, que sustinha/As obras com que Amor matou de amores” (III, 132, vv1-3).

7. Este episódio pode ser considerado lírico, uma vez que apresenta uma maior beleza poética (“Naquele engano da alma ledo e cego/Que a Fortuna não deixa durar muito” (III, 120, vv 3-4)).

Também há vários elementos de tragédia clássica presentes neste episódio, como, por exemplo, a presença de um coro, a fatalidade e os acontecimentos dramáticos (“Tais contra Inês os brutos matadores” (III, 132, v.1)).

8. Este episódio situa-se no momento em que, na Proposição, o Poeta anuncia que vai cantar aqueles que, depois da sua morte, foram esquecidos. Camões relembra, assim, um momento importante da História de Portugal e uma figura histórica que, devido à natureza trágica do episódio que viveu, acabou por ser retirada do esquecimento e ainda permanece “viva” nos dias de hoje.

GRUPO III

1. Traziam – forma verbal do verbo “ trazer “ no Pretérito Imperfeito do Indicativo, 3ª pessoa do plural
na – pronome pessoal de complemento direto, feminino, singular
Ante – preposição simples
rei - nome comum concreto, masculino, singular
já – advérbio de tempo
piedade – nome abstrato, feminino, singular
Mas – conjunção coordenativa adversativa
povo – nome coletivo concreto, masculino, singular
com - preposição simples
e - conjunção coordenativa copulativa
crua – adjetivo no grau normal, feminino, singular
o – pronome pessoal de complemento direto, masculino, singular

2.

- 2.1. Ele vai contá-la.
- 2.2. D. Pedro matá-los-á.
- 2.3. Eles convenceram-no a matar Inês.
- 2.4. As mulheres de Coimbra não a esqueceram.
- 2.5. Ela fê-lo ao rei.
- 2.6. Inês abraçá-los-ia e dar-lhes-ia muitos beijos, se a deixassem.

3.

- | | | |
|------------------------|--------------------------|-----------------------------------|
| 3.1. transitivo direto | 3.2. transitivo indireto | 3.3. transitivo direto e indireto |
| 3.4. intransitivo | 3.5. copulativo | |